

VALENÇA: TERRITÓRIO E POVOAMENTO NA LONGA DURAÇÃO

Belisa Vilar Pereira¹, Francisco José Silva de Andrade¹, Luís Fernando de Oliveira Fontes²

1. Bolseira(o) de Investigação da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho
2. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Resumo

O estudo arqueológico de Valença e do seu território foi implementado em 2004 através de protocolo celebrado entre a Universidade do Minho e o Município de Valença, contemplando a elaboração da carta arqueológica do concelho de Valença.

Os trabalhos de prospeção sistemática, a par de levantamentos, sondagens e escavações arqueológicas, possibilitaram a recolha de informação que testemunha uma sequência de ocupação do território temporalmente alargada, desde o Paleolítico até à Idade Contemporânea.

O inventário do património arqueológico e arquitetónico serviu para identificar e cartografar um vasto conjunto de sítios de distintas tipologias, que permitem avançar na compreensão dos modelos de povoamento na longa duração, destacando-se o papel da fortaleza de Valença a partir da Idade Média.

Com este trabalho pretende-se apresentar um primeiro ensaio de aproximação aos contextos de povoamento na longa duração, procurando compreender os processos de territorialização que se evidenciam nos grandes períodos cronológicos.

Abstract

The archaeological study of Valença and its territory was implemented in 2004 through a protocol signed between the University of Minho and the Municipality of Valença, contemplating the development of archaeological chart of the municipality of Valença.

The works of archaeological prospection enabled the recording of data that testifies a sequence of enlarged occupation of territory, from the Paleolithic Age to Contemporary.

The inventory of archeological and architectural heritage served to identify and map a wide range of different types of sites that allow us to advance in understanding the patterns of settlement in the long term, highlighting the role of the fortress of Valença since the Middle Ages.

This work aims to present a first approach on the contexts of settlement in the long term, seeking to understand the processes of territorialization that are evident in the major chronological periods.

1. Introdução

O trabalho em curso tem como objetivo principal a elaboração de um inventário sistemático, georreferenciado, de todo o património arqueológico e arquitetónico do concelho de Valença, que habilite o desenvolvimento de programas integrados de salvaguarda, de conservação e de investigação.

Pretende-se, especialmente, que a documentação produzida suporte uma gestão qualificadora dos valores patrimoniais do território, evitando o eventual impacto negativo de atuações pouco informadas, designadamente ao nível da expansão urbana e/ou da reabilitação dos núcleos antigos.

Complementarmente e numa perspetiva de fomento do turismo cultural, o inventário do património permitirá a criação de roteiros temáticos de visita, em formatos impressos e/ou disponibilizados em plataformas digitais, como a página WEB do município, que permitam ao público interessado percorrer o território e conhecer a diversidade do seu património e das suas paisagens.

No capítulo 2 deste trabalho descrevem-se as metodologias empregues para a realização do inventário e no capítulo 3 apresenta-se uma síntese dos principais resultados obtidos, organizados por grandes etapas cronológicas de modo a evidenciar a longa sequência de ocupação do território.

2. Metodologias

Localizado no Norte de Portugal, região do Minho, Distrito de Viana do Castelo, o Município de Valença estende-se por uma área de 117Km² (mapa 1), na qual residem 15 mil habitantes, distribuídos por 16 freguesias: Arão, Boivão, Cerdal, Cristelo Covo, Fontoura, Friestas, Gandra, Ganfei, Gondomil, Sanfins, S. Pedro da Torre, Silva, S. Julião, Taião, Valença e Verdoejo.

Numa primeira fase do estudo efetuou-se uma recolha bibliográfica sistemática e reuniu-se toda a informação de inventários anteriores, como o do ex-Instituto Português do Arqueologia (IPA), ex-Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGMN), Associação Cultural e de Estudos Regionais (ACER).

Numa segunda fase realizaram-se os trabalhos de campo, beneficiando de um primeiro levantamento e realocização de sítios arqueológicos feito já em 2004 por um dos autores (Pereira, 2004). Para efeitos de organização dos trabalhos de campo de prospeção, registo descritivo, gráfico e fotográfico e georreferenciação, escolheu-se a entidade administrativa territorial freguesia como unidade espacial de referência. Foi considerada a divisão administrativa primitiva, ou seja, 16 freguesias e não as 11 da nova organização administrativa local que entrou em vigor nos finais de 2013.

Atualmente estão inventariados cerca de 920 sítios de tipologia arqueológica e arquitetónica.

Numa terceira fase processa-se a informação recolhida em gabinete, carregando-se os dados numa base de dados que alimentará um SIG, configurando um sistema de informação do património para o concelho de Valença. A base de dados contempla um conjunto de atributos descritivos, cujo conteúdo sumariamos a seguir:

Campo 1 – Informação geral do sítio arqueológico, atribuição de um código de sítio, número de inventários anteriores, a sua relação que outros sítios de interesse, designação do local, tipo de sítio, sua classificação e informação sobre o proprietário;

Campo 2 – Localização, referência a freguesia, lugar, o respetivo código administrativo, coordenadas geográficas e acessos;

Campo 3 – Fontes documentais, referências a manuscritos e impressos, informações orais, decretos de classificação, escalas e o tipo de cartas geográficas, bibliografia, número do inventário fotográfico e desenhos e para finalizar informação URL;

Campo 4 – Ilustração, fotografias, mapas de localização e desenhos;

Campo 5 – Descrição, interpretação e cronologia, neste quadro descreve-se o sítio, faz-se a interpretação do mesmo, refere-se a cronologia, como ano, século, milénio, cronologia relativa, período cultural e informação sobre o estilo arquitetónico;

Campo 6 – Conservação e Valorização, neste campo serão colocados os seguintes dados: o estado de conservação, classe de risco, fatores de risco, interesse científico, valor patrimonial, potencial de valorização, medidas de valorização, proposta de classificação, local de depósito e observações;

Campo 7 – Contexto ambiental, pretende-se fazer um enquadramento em vários aspetos: *orografia*, como a forma geral e forma específica do relevo, e o local de implantação; a *geologia*, o tipo de substrato geológico e afloramentos; na *edafologia*, o tipo de solo, condições de sedimentação e condições de erosão; *hidrografia*, o tipo de

água e uso da água; *cobertura vegetal*, saber a vegetação predominante, secundária e terciária; no *uso do solo*, serão mencionadas as utilizações predominantes, secundária, terciária e inculto; nas *vias naturais*, menciona-se o tipo de via, orientação e o seu aproveitamento; finalmente a *visibilidade da paisagem*, ao nível da perceção, enquadramento na paisagem e observações.

Em suma, toda a informação recolhida e trabalhada será rentabilizada para a elaboração de um SIG, como já referimos, o qual permitirá gerir e analisar a informação espacial, e ainda introduzir, armazenar, manipular e editar informação geográfica. Pretende-se que parte desta informação seja acessível ao público em geral.

3. Principais Resultados

O trabalho realizado permitiu identificar e cartografar um vasto conjunto de sítios de distintas tipologias, que aqui se apresentam por períodos cronológicos e que se ilustram através de cartografia com a distribuição dos vestígios arqueológicos no concelho de Valença.

Alguns períodos aparecem menos representados que outros, quer porque a densidade de ocupação é variável ao longo do tempo, quer porque as investigações arqueológicas ainda estão pouco desenvolvidas, tendo-se centrado, nos últimos anos, na fortaleza de Valença.

Significa isto que, naturalmente, o inventário elaborado não pode nem deve ser considerado definitivo, sendo admissível que futuras investigações proporcionem a descoberta de novos sítios arqueológicos.

3.1. Paleolítico (200000 - 7000 a.C.)(mapa 2)

Este período, caracterizado pela produção dos primeiros artefactos de pedra lascada, aparece representado em diversos locais no concelho, designadamente na freguesia de Cerdal, no lugar de Bogim, de Passos e de Monte da Chã, na freguesia de S. Pedro da Torre, no lugar de Barrocas e Campo do Anjo, mas também na freguesia de Arão, no lugar de Favais.

Os exemplares de instrumentos líticos foram recolhidos em locais onde existem cascalheiras com grande expressão, podendo atingir entre 2 a 4m de altura, correspondentes a terraços quaternários do rio Minho.

Os principais estudos relativos a este período realizaram-se nos anos 80, centrando-se nos terraços fluviais do rio Minho. As sondagens realizadas no Monte da

Chã, freguesia de Cerdal, permitiram recolher um conjunto de instrumentos líticos composto essencialmente por chopper e chopping-tool, classificados como expressão de indústrias pré-acheulenses e acheuleunses (Lemos, 1984). Não foram identificadas quaisquer estruturas habitacionais ou de carácter funerário associáveis ao espólio recolhido.

3.2. Neolítico (7000 - 3000 a.C.) (mapa 2)

Neste período processam-se as mais significativas mudanças comportamentais do Ser Humano, que passa de uma economia de caça-recoleção para uma economia de base agrícola, com uma correspondente sedentarização das populações e crescente complexificação das estruturas sociais.

No concelho de Valença, os únicos vestígios arqueológicos enquadráveis neste período identificam-se com o chamado fenómeno megalítico, que aqui está bem representado pelos enterramentos sob tumuli (vulgarmente designados como ‘mamoas’).

Entre todos, destacam-se os conjuntos da Chã do Marco da Quebrada (Sanfins) e da Chã da Fonte de Volide (Taião).

3.3. Idade do Bronze (1800 - 700 a.C.) (mapa 3)

O desenvolvimento da liga metálica permitiu o fabrico de ferramentas capazes de substituir os artefactos líticos, podendo considerar-se este o principal aspeto que caracteriza esta época.

A existência de grandes reservas de estanho, indispensável à produção de ligas de bronze, no norte de Portugal e na região da Galiza, era conhecida e foram exploradas neste período, explicando a abundância de achados arqueológicos que incorporam precisamente machados de bronze.

No território de Valença foram recolhidos alguns exemplares de diversas tipologias, como machados de alvado, de talão e de duplo talão, nomeadamente nas freguesias de Ganfei, Verdoejo e Boivão.

A Idade do Bronze encontra-se igualmente representada por vários conjuntos de gravuras rupestres, que mereceram já a atenção de diversos investigadores, que as enquadram cronologicamente neste período (Cunha e Silva 1980, 1986, 1995; Hidalgo Cuñarro, 2005).

As temáticas dominantes são círculos concêntricos e simples, fossetes e linhas, em alguns casos quadrúpedes, como o caso da Quinta da Barreira, ou ainda figuras reticuladas, no lugar do Ferro Velho, na encosta do Monte do Faro, na freguesia de Ganfei.

3.4. Idade do Ferro (700 - 150 a.C.) (mapa 3)

As sociedades deste período atingem elevados níveis de organização económica e complexificação social. Uma das principais características é a proliferação dos povoados fortificados, predominantemente implantados nas coroas de montes e colinas.

No território do concelho de Valença foram identificados diversos povoados fortificados, “tipo castro”, de pequenas dimensões, destacando-se o Alto do Escaravelhão (Gandra) e o Monte do Faro (Ganfei), entre outros.

Infelizmente este período, na área de Valença, nunca recebeu a atenção dos investigadores, apesar de praticamente todos os ‘castros’ serem amplamente referenciados na bibliografia (Silva, 1986).

3.5. Romano (150 a.C. - 409) (mapa 4)

Entre os séculos II a.C. e I d.C. assiste-se à integração do Noroeste Peninsular na esfera do domínio romano. É desenhada uma nova estrutura territorial, assente na criação dos *Conventus Juridicus*, que integraram as entidades étnicas pré-existentes.

A ocupação romana está bem identificada no concelho de Valença, onde foram inventariados diversos locais que nos remetem para este período cronológico (Alarcão, 1988), desde alguns dos povoados fortificados ‘castrejos’ que se mantiveram ocupados até novos povoados abertos implantados nas zonas de vale, como o sítio arqueológico de Casal de Matos, na freguesia de Friestas.

Mas o tema melhor estudado é o que se relaciona com a viação romana, pois no concelho de Valença passava a importante via militar que ligava *Bracara Augusta* (Braga) a *Asturica Augusta* (Astorga), a via XIX do Itinerário de Antonino, da qual se conservam vários marcos miliários, como o miliário das Contenças, de S. Julião, de Chamosinhos, de Arinhos e de Valença (Almeida, 1979).

Para além da via romana, que cruzava rio Minho nas proximidades da atual Valença, que também se comprovou corresponder a um povoado fortificado ocupado em época romana, a região seria servida por outras vias secundárias que articulavam as

ligações locais e regionais, devendo Valença ser um importante porto fluvial, através do qual se faria a ligação direta ao mar.

Entre 1981-82 foi identificada uma necrópole em Gondomil, cujas escavações arqueológicas permitiram interpretar como sendo uma necrópole de incineração de época romana composta por sepulturas que incorporavam espólio cerâmico datável entre a 2ª metade do séc. I e os inícios do séc. II (Almeida e Abreu, 1987).

3.6. Idade Média (409 – 1500) (mapa 5)

Entre os séculos XI-XII identificam-se alterações significativas, que se traduzem num crescimento populacional, no desenvolvimento da economia agrária e na emergência de uma sociedade organizada em torno de poderes senhoriais.

Com a criação do Condado Portucalense estabeleceu-se uma divisão territorial entre Portugal e Leão-Castela, que conduziu à estruturação de uma linha de fronteira no vale do Rio Minho, a qual se consolida no decurso dos séculos XII-XIII, com a construção de vilas fortificadas na margem esquerda do Rio Minho (Andrade, 1993 e 2000).

Neste período a consolidação da paisagem medieval do território tem como elemento principal a vila fortificada de Valença e os Mosteiros de Sanfins de Frietas e de Ganfei, servidos por uma rede viária bem estruturada, como confirmam as pontes da Veiga da Mira e da Pedreira. Como elemento comum a todos estes marcadores da paisagem, evidencia-se o estilo românico das suas arquiteturas.

Este período é ainda marcado pelas peregrinações a Santiago de Compostela, sendo Valença um dos principais pontos de passagem, documentando-se inclusivamente a existência de um hospital de apoio aos peregrinos.

3.7. Idade Moderna (1500 – 1789) (mapa 6)

Na época moderna, a evolução de Valença foi profundamente marcada pelas vicissitudes históricas que caracterizam este período, designadamente ao nível dos conflitos de soberania que opuseram Portugal e Espanha.

Exatamente pela sua implantação geoestratégica, a vila de Valença foi objeto de um grande projeto de fortificação, do “tipo Vauban”, que ao longo dos séculos XVII e XVIII a transformaram numa das mais notáveis praças-fortes de Portugal. Com revelins, baluartes, bragas e falsas bragas, a fortaleza dos séculos XVII e XVIII integrou em algumas zonas parte da muralha medieval, vestígios que perduraram até aos nossos dias.

Ainda neste período foram erguidos vários fortes e atalaias, ao longo da linha do rio Minho, destacando-se o forte de S. Luiz Gonzaga e a atalaia de S. Teresa (S. Pedro da Torre), o forte de Belém (Arão) e o forte de Verdoejo, também conhecido como forte da Gingleta. Mais para o interior do concelho destaca-se o Forte do Tuído (Gandra) e o forte da Silva (Silva), os quais serviam de defesa avançada da fortificação principal, a Praça Forte de Valença (Castro, 1995).

4. Conclusões

No estudo realizado foram identificadas estações arqueológicas de períodos distintos, que permitem avançar na compreensão da evolução territorial do concelho de Valença.

A ocupação mais antiga recua ao Paleolítico, documentando-se exclusivamente nos terraços fluviais, revelando uma maior preferência pela proximidade ao rio.

Na Idade do Bronze e do Ferro há uma alteração do modo de vida das comunidades e uma deslocação das mesmas para locais de altitude, o que sugere a prevalência de fatores relacionados com segurança, defesa e controlo da paisagem envolvente.

No período romano assistimos à dispersão do povoamento pela planície próxima do grande eixo viário e fluvial, permitindo estabelecer contactos com o exterior e efetuar trocas comerciais.

Na Idade Média e Moderna a dispersão do povoamento acentua-se, estendendo-se novamente a locais de média altitude. É neste período que Valença assume definitivamente o papel de polo estruturador do território, com a construção da vila fortificada no local que proporcionava bons meios defensivos mas também o controlo da navegabilidade do rio Minho.

O rio teve um papel fundamental ao longo dos séculos na história de Valença, pois para além de constituir uma barreira defensiva, de difícil transposição, era também um meio de comunicação, permitindo estabelecer contacto com outros povos e estabelecer relações comerciais. O rio era também um importante recurso de subsistência da população (pesca).

Bibliografia

- Alarcão, J. (1988). *Roman Portugal*, Volume II (Fasc. 1, Porto, Bragança e Viseu), Warminster: Aris & Phillips.
- Almeida, C. A. B. de (1979): A rede viária do Conventus Bracaraugustanus; Via Bracara Asturicam Quarta, *Mínia*, 2:3.
- Almeida, C. A. B. de; Abreu, A. A. (1987): A necrópole de incineração de Gondomil, *Lucerna*, 2:187-243.
- Andrade, A. A. (1993): Um empreendimento régio. A formação e desenvolvimento de uma rede urbana na fronteira noroeste de Portugal durante a Idade Média, *Penélope: a fazer e desfazer a História*, 12:121-125.
- Andrade, A. A. (2000): De Contrasta a Valença: a formação de uma vila medieval, *in Monumentos*, 12: 9-13.
- Castro, A. P. de (1995): *Valença na Guerra da Restauração*, Câmara Municipal de Valença, Valença.
- Cunha, A. M. C. L. da; Silva, E. J. L. da (1980): Monte dos Fortes- Taião, Tapada de Ozão e Monte da Laje, *Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, Guimarães, 2:1-15.
- Cunha, A. M. C. L.; Silva, E. J. L. (1986): As gravuras rupestres do Monte da Laje (Valença), *Arqueologia*, 13:143-157.
- Cunha, A. M. C. L.; Silva, E. J. L. (1995): As gravuras rupestres do Monte da Lage (Valença), *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*.
- Lemos, F. S. (1984): *Uma colecção de artefactos Paleolíticos do Concelho de Valença do Minho*, Porto.
- Hidalgo Cuñarro, J. M. (coord.) (2005): *Arte Rupestre Prehistórica do Eixo Atlântico*. Eixo Atlântico, Vigo
- Silva, A. C. F. (1986): *A Cultura castreja no Noroeste de Portugal*. Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins e Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Paços de Ferreira.